

PROJETOS E INTERVENÇÕES DE SANEAMENTO NA BAIXADA FLUMINENSE DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX - representações e continuidades.

André Santos da Rocha*

Resumo: Os projetos e as intervenções referentes ao saneamento concebidos no final do século XIX e início do século XX para a porção oeste da Baixada da Guanabara apresentam-se como elementos fundamentais para entendermos a constituição da atual Baixada Fluminense, permitindo também uma análise sobre a legitimidade assumida por tais intervenções em termos de políticas públicas. Recuperar esse processo sob a ótica geohistórica e das representações nos auxiliam a elucidar como ações no campo político-discursivo ao redor do saneamento são recorrentes no espaço da Baixa Fluminense.

Palavras-chave: Baixada Fluminense; Saneamento; Geo-história. Projetos e intervenções.

PROJECTS AND SANITATION INTERVENTIONS IN BAIXADA FLUMINENSE BETWEEN THE NINETEENTH AND THE BEGINNING OF THE TWENTIETH CENTURY – REPRESENTATIONS AND CONTINUITIES

Abstract: The sanitation projects and interventions designed to the western portion of the Guanabara Baixada between the late nineteenth century and early twentieth century plays a circumstantial role for the understanding the current constitution of Baixada Fluminense. It also provides an analysis concerning the legitimacy for such interventions in terms of public policy. Recover this process from the geohistorical perspective and representations, allows us to elucidate how actions in the political speech regarding the sanitation field are recurring for the Baixada Fluminense region.

Keywords: Baixada Fluminense, Sanitation; Geohistory; Projects and interventions.

PROYECTOS E INTERVENCIONES DE SANEAMIENTO EN LA BAIXADA FLUMINENSE DEL SIGLO XIX Y PRINCIPIOS DEL XX- REPRESENTACIONES Y CONTINUIDADES

Resumen: Las intervenciones de saneamiento y proyectos diseñados en finales del siglo XIX y principios del XX para la parte occidental de la Baixada da Guanabara, se revelan como elementos claves para comprender la constitución de la zona hoy conocida como Baixada

* Professor Adjunto, Departamento de Geociências – UFRRJ. E-mail: asrgeo@gmail.com

Fluminense, y también de su legitimidad como un espacio de intervención para este tipo de política pública. El análisis Geohistórica de proyectos e intervenciones de las políticas de saneamiento y, también, de sus representaciones, son posibles caminos para dilucidar cómo acciones en el campo político discursivo alrededor del tema de la sanidad son solicitantes a esta área.

Palabras claves: Baixada Fluminense; Seneamiento; Geohistoria; proyectos y intervenciones.

Um olhar para uma Geografia histórica de projetos e intervenções

77

A relação entre a produção geográfica do presente está intimamente ligada às práticas e projetos historicamente construídos (PHILO, 1996). Questões que envolvem a condução de ações contemporâneas no âmbito da intervenção territorial estão relacionadas não apenas as condições naturais de sítio de um lugar, mas aos projetos que sedimentam essas ações que oportunamente legitimam espacialidades numa geografia regional que guarda em sua configuração espacial que é historicamente produzida.

Abreu (1997, p.197) aponta que a “organização espacial é campo fértil para descobertas dessas heranças do passado”. Essa organização espacial não é dotada apenas de formas e funções, mas também de projetos e significados.

A leitura das intervenções, projetos e significados conduzem uma construção geohistórica dos espaços. Essa observação se revela como um exercício pleno de tentar reconstruir o entendimento das práticas que legitimam “geografias presentes”.

Wallerstein (1989) lembra a importante contribuição de Fernand Braudel para uma análise da história, onde estrutura, conjuntura e acontecimento são oportunos elementos de análise. Ribeiro (2008) complementa Wallerstein, e avança destacando que os pensamentos braudelianos contribuem, também, nas análises geográficas. Instituinto bases para estudos geo-históricos.

Neste trabalho, pensar os projetos e intervenções que são elaborados em uma dada conjuntura (econômica, política e social) se revelam parte do entendimento da estrutura territorial. Ao tentar apresentar leituras sobre projetos e intervenções no campo do saneamento, e também das representações que essas ações fomentam, são forjadas possibilidades analíticas no âmbito da Geografia Histórica. Em especial para o entendimento de continuidades e descontinuidades geográficas que estão diretamente relacionadas as práticas sociais, por vezes “naturalizadas” (como o discurso sobre o saneamento para a Baixada Fluminense).

O exemplo da construção da imagem que temos hoje da Baixada Fluminense¹ como espaço de intervenção serve para demonstrar como políticas de saneamento conduzidas no século XIX e início do XX foram capazes de cooperar na construção do imaginário político e social de uma área e legitimá-la.

A Baixada Fluminense se constituiu como uma área privilegiada no que tange às intervenções por parte do Estado que criaram uma geografia própria com limites e ações distintas para essa área. Esta possui uma extensão que não corresponde hoje às mesmas daquelas destacadas no século XIX e início do XX, e que muitas vezes nos projetos deste período fora mencionado como “Baixada da Guanabara” ou “baixada do Rio de Janeiro”.

Asseveramos como argumento norteador deste artigo pensar a seguinte questão: de que forma os projetos e intervenções de Saneamento no século XIX e Início do século XX e suas representações serviram para legitimar a Baixada Fluminense como espaço para condução deste tipo de política pública?

A fim de uma delimitação metodológica, restringiremos à temática do saneamento e suas representações as ideias relativas às intervenções e projetos construídos em nosso recorte temporal, tendo como justificativa a demanda sobre o saneamento que

¹ É importante destacar que é comumente associado como Baixada Fluminense refere-se à parte dos municípios da porção oeste da Baía de Guanabara que foram incorporados pela célula urbana do Rio de Janeiro (ROCHA, 2011) que corresponde espacialmente aos antigos territórios da Vila de Iguassú e Estrela (SIMÕES, 2007).

ainda orienta as ações presentes nesta área. Tomamos como base a leitura de documentos e relatórios datados entre 1870 e 1950 bem como a revisão bibliográfica que versa sobre este assunto.

Outrossim, enfocaremos a análise das intervenções que incidiram sobre a Baixada da Guanabara, compartimentação da Baixada Fluminense que no período hodierno tem sua porção oeste da baía nomeada e conhecida popularmente como a “Baixada Fluminense”. Área que carrega representações relativas ao urbano periférico, a pobreza, miséria e problemas de saneamento (ROCHA, 2011, ENNE, 2002; BARRETO, 2006). E é legitimada enquanto um espaço diferenciado no contexto regional fluminense que se traveste das ações sedimentadas em sua história territorial a partir de projetos e intervenções na temática do saneamento e pelas apropriações discursivas no campo político.

O artigo está estruturado em três partes, a saber: [1] A institucionalização da Baixada Fluminense – projetos e demandas no final do século XIX; [2] Intervenções na Baixada da Guanabara no Início do século XX; [3] demandas atuais e resquícios históricos - algumas conclusões.

A institucionalização da Baixada Fluminense como espaço de intervenção – O sítio, projetos e demandas no final do século XIX para a Baixada da Guanabara.

O entendimento da institucionalização da Baixada Fluminense como uma área de intervenção no final do século XIX é associado, sobretudo, a três questões: ao sítio, as recorrentes condições de alagamento (SOUZA, 2006); e a necessidade de expansão dos domínios e das atividades da cidade do Rio de Janeiro (ABREU, 1986).

É importante destacar aqui, que a Baixada Fluminense do século XIX, é interpretada a partir dos seus limites fisiográficos. Logo seus limites são aqueles postos em sua geomorfologia. Assim, no que tange a formação do sítio da então Baixada Fluminense se situam as terras entre a Serra e o mar (LAMEGO, 1948). Esta seria a continuidade de terras que acompanharia o litoral do estado do Rio de Janeiro e seria seccionado por

bacias, que constituiriam compartimentações desta Baixada Fluminense. A extensão territorial desta baixada compreenderia a área entre o que é atualmente o município de Campos dos Goitacazes até parte de Mangaratiba (ROCHA, 2014).

O sítio desta área destacava-se como área pantanosa. A sua hidrografia contribuiu tanto para compor o sítio quanto para nomear a área [Fluminense – tem origem no termo *flumen* - do Latim - que significa rio]. Os rios que recortavam toda a essa baixada tiveram suma importância na ocupação territorial desta área (SOUZA, 1996; SIMÕES, 2011; RIBEIRO et al, 2005) sendo verdadeiros indutores das geografias do século XVIII e XIX no que tange a formação de vilas e cidadelas².

A conjugação das terras baixas recortada por rios associadas à dinâmica do clima tropical se revelavam como propícias as constantes inundações e cheias que marcava parte das terras que constituía a “*Baixada Fluminense geomorfológica*”, e que tinha como uma de suas divisões a Baixada da Guanabara (GEIGER & SANTOS 1954),

Essa Baixada da Guanabara, calçada na própria baía que lhe dá nome (AMADOR, 1992), além das questões da formação de seu sítio, tem em sua produção territorial e a interação desta área com a cidade do Rio de Janeiro (ABREU, 2005) elementos que a colocam como espaço privilegiado para intervenções nas questões sobre saneamento até os dias atuais.

Como área importantíssima no processo de ocupação na parte interior do estado, além de ser um ponto estratégico de proteção militar foi um ponto visceral na circulação e troca de mercadorias existentes no período colonial (LESSA, 2003). Essa Baixada da Guanabara entre o período datado do início do século XVII até o início do século XX foi marcada por uma produção agrícola que envolvia produtos como cana-de-açúcar, mandioca, laranja entre outros, além de muitos produtos de subsistências

² Vide o exemplo da estruturação da antiga vila de Iguacu, que se localizará nas proximidades do porto de Iguassu bem como da extinta vila de Estrela, também localizada nos arredores do porto que lhe deu o mesmo nome. Sobre este assunto sugerimos ver: (BEZERRA, 2008; TORRES, 2010).

que eram consumidos na cidade do Rio de Janeiro e transportados por seus rios, até aquele momento navegáveis.

A interação espacial entre a Baixada da Guanabara e o Rio de Janeiro se dava pela circulação de produtos que perpassavam as localidades desta área, uma vez que esta, também, servia de entreposto comercial. Essas atividades deixaram marcas visíveis na paisagem, marcas que servem de testemunha da memória territorial destas interações espaciais e práticas econômicas e sociais. Como exemplo, podemos apontar as vilas surgidas em torno dos rios como a Vila de Iguassú e a Vila de Estrela que foram constituídas de “costas” para a baía, revelando como as formas espaciais testemunham a organização espacial historicamente construída. Cabe, a menção que a porção oeste da Baía da Guanabara foi a área em que as políticas de saneamento se processaram com mais intensidade.

As necessidades que surgiram longo do século XIX, foram primordiais para favorecer olhares às questões sobre saneamento para essa porção oeste da Baía de Guanabara, a saber: [a] a abastecimento de água para a cidade do Rio de Janeiro, que demandou a construção e ampliação de linhas férreas até Rio D’ouro (ABREU, 1992); e [b] a questão da produção agrícola e o combate às enchentes e inundações.

Como referência a questão do combate às enchentes e inundações, Marlúcia de Santos Souza (2006, p.18), destaca que no período Imperial já se estabelecia petições relativas às condições e inviabilidades de ocupação devido a enchentes na região. Tendo como base a leitura de um documento elaborado e assinado por 32 refugiados da região do Pilar³ destinado ao Imperador Don Pedro II, onde “os desabrigados que se refugiaram na corte suplicavam ao Imperador medidas emergenciais como a abertura de valas e a limpeza dos rios”⁴.

³ Pilar corresponde hoje a um bairro do município de Duque de Caxias, localizado as margens de Rio Pilar e que enfrenta constantemente problemas de enchentes e tem sido alvo de ações de projetos recentes por parte do Governo do Estado.

⁴ Iguassu (Arraial do Pilar). Biblioteca Nacional, II-34,17,12. (Apud SOUZA, 2006, p.18).

A questão que toca o cobate as enchentes e a ocupação no final do século XIX vão ao encontro das políticas de modernização do território Brasileiro naquele Período, mas que só iriam ganhar fôlego no início do século XX (FADEL, 2006).

Para Simone Fadel (2009) a passagem datada do final do século XIX para o início do século XX que marca a história ambiental nesta área é percebida com os projetos de intervenção das políticas de saneamento por parte do Estado. Também, podemos acrescentar como parte da pressão para políticas de saneamento para área: [a] a dinâmica de transformação e a incorporação desta porção oeste da Baía de Guanabara às dinâmicas da cidade do Rio de Janeiro; [b] relativa fase de expansão do modo de vida e do tecido urbano em direção a esta área induzida pela intensificação das linhas férreas e da instalação de vias de circulação (Avenida Brasil e Rodovia Presidente Dutra) nas primeiras décadas do século XX; e [c] o constante crescimento populacional, oriundo da migração de populações para esta área e ocupação de antigas fazendas em forma de loteamentos que não ofereciam estruturas adequadas.

Contudo, se faz necessária observar os projetos constituídos para a Baixada da Guanabara e as intervenções no início do século XX para compreendermos as questões que envolvem as políticas de saneamento para esta área e para perceber como elas contribuíram para legitimar essa área como um espaço deste tipo política de intervenção.

O saneamento e as representações sobre a Baixada da Guanabara no início do século XX.

A Baixada da Guanabara no início do século XX apresentava uma forte relação com a produção agrícola (MENDES, 1948). A cultura da laranja demonstrava-se pujante, sobretudo, na porção oeste localizado nas terras que marcavam a antiga vila de Iguassú que destacava essa área com uma representação de “Cidade Perfume” (SOUZA, 1992). Entretanto, essa economia agrícola, neste mesmo período, presencia uma relativa queda impulsionando novos usos para as terras agricultáveis. Terras, que paulatinamente iriam ser incorporadas a lógica urbana (SOARES, 1962).

André Santos a Rocha, *Projetos e intervenções de saneamento na Baixada Fluminense do século XIX e início do XX - representações e continuidades.*

Associada as demandas territoriais oriundas do século XIX, a intensificação do processo de urbanização em curso acabaria fomentando a necessidade de constituição de projetos que versassem para a temática do saneamento nessa área, incorporando dessa forma a porção oeste da Baía de Guanabara à agenda de políticas territoriais do Estado no início do século XX.

Neste sentido, Simone Fadel (2010, p.7) aponta que “ao final de um ciclo de formação de Comissões Federais e Estaduais de Saneamento, cria-se a Diretoria de Saneamento da Baixada Fluminense, vinculada ao ministério de Viação e Obras Públicas”. Para a referida autora a Diretoria de Saneamento da Baixada Fluminense é constituída apenas na década de 1930 sob direção do engenheiro Hildebrando de Góes.

Os projetos de intervenção na Baixada foram previstos antes da criação desta diretoria, como nas informações contidas no Relatório do Ministério de Viação e Obras Públicas de 1911 (p.476) onde se apontavam “a necessidade de dragagem e ampliações e limpeza de canais e cursos de rios na *baixada do Rio de Janeiro*”⁵. Fernandez (2013, p.1188) destaca também que a própria Comissão Federal de Saneamento instituída no início do século XX, tinha como missão examinar os planos, estudos plantas e relatórios elaborados desde 1984 pela Comissão de Estudos e Saneamento da Baixada do Rio de Janeiro.

Em consonância, Simone Fadel (2006, p.105) destaca que a instalação da Comissão Federal de Saneamento da Baixada Fluminense [1909-1916], e a formulação do relatório elaborado pelo engenheiro Hildebrando de Góes, de 1939, foram de suma importância para as intervenções das políticas de saneamento.

Conforme Fadel (2010, p.9), o relatório de Hildebrando de Góes se dedicava ou tratava entre outras coisas da:

⁵ No referido texto que se inicia na página 472 é intitulada “Saneamento da baixada do Rio de Janeiro”, que faz referência a ações de intervenção em rios localizados na porção oeste da Baía de Guanabara considerando os limites dos rios Merity e Guaxindiba.

recuperação de áreas alagadas, defesa contra inundações. Dragagem de novos leitos para rios que se perderam em brejais, ligação permanente de lagoas costeiras ao oceano, drenagem subterrânea e obras de arte.

Neste mesmo relatório Hildebrando de Góes (1934, p. 264-265.) destacava ser importante “estudar o aparecimento de pirexias palustres com aspecto endêmico observadas nas zonas banhadas pelos rios Irajá, Meriti, Pilar e Iguassú”. É importante salientar que rios destacados recortam o a porção oeste da baía de Guanabara, e ainda hoje são focos de intervenção por parte dos governos estaduais e federais⁶.

Além da intervenção nos rios, destacados por Hildebrando de Góes, Marlúcia de Santos Souza (2006, p.18) complementa que foram propostas medidas de enxugamento e drenagem dos pântanos [áreas alagáveis dos rios]. As iniciativas estavam associadas ao combate de moléstias, que atingiam o que hoje corresponde a parte dos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Belford Roxo e Mesquita. Leonardo Jefferson Fernandes (2013, p.1189) lembrando a menção de Hildebrando, destaca que estas obras tinham como missão tornar salubre essa área, próxima e possibilitar seu aproveitamento.

Neste relatório, Hildebrando de Góes estabelece em seu relatório de 1934 uma regionalização da Baixada Fluminense, compartimento-a em quatro partes, a saber: a) Baixada dos Goitacás – que compreenderia área de drenagem e foz do Rio Paraíba do Sul e onde se poderia perceber maior atividades relativas ao plantio de cana de açúcar; b) Baixada de Araruama – compreenderia área de drenagem da Lagoa de Araruama, marcada pela prática agrícola de menor porte; c) **Baixada da Guanabara** – área de drenagem da baía de Guanabara, marcada pela produção agrícola da citricultura com crescimento de estrutura urbana e forte tendências de loteamentos; e d) Baixada de Sepetiba – recortada como continuidade da expressão econômica desta Baixada da Guanabara, contudo se mostrava como base na Baía de Sepetiba;.

⁶ É importante sinalizar que nos últimos vinte anos as políticas de dragagem e saneamento para os rios Iguaçu e Sarapuí estiveram presentes em diferentes projetos de intervenção urbana/saneamento, tais como: o programa de despoluição da Baía de Guanabara (PDBG) – iniciado em 1994 e terminado em 2006; O programa Baixada Viva, que visava políticas de contenção de esgoto jogado diretamente no Sarapuí e Iguaçu – implantado de 1998-2004; e o Projeto Iguaçu, ainda em execução sob ação do governo estadual com apoio de verbas do PAC.

Para esta Baixada da Guanabara, Hildebrando de Góes, já mencionava os loteamentos frutos da queda da produção da citricultura e apontava que este loteamento era feito tanto pelo governo quanto por empresas (FADEL, 2010). Essa “onda loteadora” também é mencionada por Pedro Pinchas Geiger (1952) e por Renato da Silveira Mendes (1948) quando destacam o enfraquecimento da produção agrícola e a tendência sobre o uso destes espaços nos municípios que compunham extensas áreas de produção agrícola nessa região.

A conjuntura política e econômica que caracteriza esse período [1920-1945], período entre guerras, que culminou com o enfraquecimento da produção da citricultura na região revela-se, por outro lado propício às demandas de retalhamento das antigas fazendas que corroboravam para a expansão urbana nesta área (SOUZA,1992).

A incorporação urbana, de forma precária, revela-se como um fator de pressão às políticas de saneamento. Os projetos e intervenções na “Baixada” passou a reverberar nos discursos políticos e se tornaria estratégico na construção de políticas de governo, pautadas numa representação onde a problemática do saneamento se faz urgente às condições de sobrevivência para uma periferia cada vez mais integrada à cidade do Rio de Janeiro.

Destarte, as políticas territoriais de saneamento se mostravam, então, como representações vitoriosas para a sociedade fluminense, como exemplificado na figura 1. As intervenções destacadas no jornal O imparcial mostram uma representação em que a intervenção no campo do saneamento viriam revelar um “lindo Panorama”, tanto no que tange a vitória do homem sobre as condições ambientais, como na eficácia do poder público e constituir ações em prol do progresso.

A formulação dos estudos sobre o saneamento para a Baixada Fluminense no início do século XX, com ênfase na porção ocidental da Baixada da Guanabara e/ou Baixada do Rio de Janeiro, fomentou um raptó da nomenclatura que agora surge como uma sinédoque dos feitos das intervenções. A Baixada da Guanabara passa a designar a uma condição mais ampla [a Baixada Fluminense] antes “o charco, de cor escura e

ladocenta” se tornaria uma espacialidade legítima onde as intervenções e projetos se fazem pertinentes, tanto pelas demandas territoriais que constituiriam a passagem do século XIX para o século XX, quando pela condição geo-histórica que de forma oportuna sedimentara essa espacialidade no plano dessas políticas territoriais.



Figura 1: Reportagem sobre intervenções na Baixada Fluminense nos anos de 1940.. “um lindo panorama”. Fonte: O Imparcial, Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1946. (p.2) [Biblioteca Nacional.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/>

É importante destacar que as políticas de saneamento, tecidas para o início do século XX estavam associadas a necessidade de vencer as condições naturais e tornar salubre o uso do solo. Essas foram, também, uma marca do Brasil República, que buscava o progresso em seus feitos no territorial nacional. Assim, a representação deste tipo de política pública urge com sob um signo ideológico (FERNANDES, 2013).

Fernandes (2013, p.1190) destaca que as próprias dinâmicas agrícolas, em vigoroso crescimento na primeira metade do século passado, emanavam iniciativas próprias de

“dragagem de rios”. A política do saneamento acompanhava as demandas da fruticultura na Baixada. Assim sanear era necessário para a prosperidade regional. Todavia, o declínio da produção agrícola e a expansão urbana periférica darão novas áreas as políticas de saneamento, que ganham novos significados na contemporaneidade.

Continuidades e representações em torno do saneamento na atual representação de Baixada Fluminense - algumas conclusões.

Ao passo que olhamos a presente produção territorial da Baixada Fluminense, nos deparamos com demandas semelhantes no que tange ao saneamento daquelas que marcaram a passagem do século XIX para o século XX. Entretanto, é importante destacar que a conjuntura se modificou. Agora, esta porção oeste da Baía de Guanabara se solidificou como uma realidade urbana. As demandas pela infraestrutura saltam como necessidade direito a vida urbana e a precariedade das condições básica de sobrevivência marcam estigmas e representações de cidades miséria onde indicadores sociais se revelam alarmantes (ROCHA & SANTOS FILHO, 2006).

A Baixada Fluminense que entendemos na contemporaneidade como lócus do urbano, fruto de uma composição complexa - que inclui em sua “formação núcleo”⁷ municípios como Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis, Belford Roxo, Mesquita, São João de Meriti, Queimados e Japeri (ROCHA, 2013; SIMÕES, 2011) -, permanece ainda com uma representação de precariedade e de fortes demandas pelo saneamento básico. Demandas estas que já eram preconizadas e pensadas no início do século XX. Demandas que atualmente alimentam discursos e práticas que buscam sua hegemonia política nessa área.

⁷ Dado a complexidade de definição atual de quantos municípios pertence a Baixada Fluminense, por conta de um descompasso representacional (ROCHA, 2009), reportamos esse termo utilizado tanto por Rocha (2013) quanto pro Simões (2011) para designar municípios que comumente são reportados como parte da Baixada. Ainda, vale a menção que a maior parte desde está inserida na Bacia do Iguaçu e tem seus afluentes perpassando seus territórios – por isso ainda hoje lócus de políticas de saneamento.

A analogia com o “mito nordestino da necessidade” (CASTRO, 1991) se reconfigura na Baixada. Invés da “seca”, o “manar” capaz de nutrir e dar fôlego as plataformas de governos no período contemporâneo é a abundância de água nas mazelas que enchentes e inundações provocam.

O olhar para projetos do final do século XX e início do XXI como os programas Baixada Viva e Nova Baixada, o Programa de Despoluição da Baía de Guanabara e mesmo, o mais recentemente, o Projeto Iguaçu⁸, revela reverberações desta temática que sempre se mostrou urgente e delimitou esferas negociação, legitimando a Baixada Fluminense no campo político a partir de projetos de intervenções (ROCHA, 2014). Entretanto, mesmo com esses projetos ainda são recorrentes as enchentes e transbordamentos dos rios como o rio Botas, Sarapuí e Iguaçu, citados no Relatório do Ministério de Obras Públicas de 1911 (ver figura 2).

Neste sentido, seria oportuno pensar esses projetos e intervenções no campo do Saneamento na Baixada Fluminense como uma história estrutural?

Ribeiro (2008, p.237) comentando a concepção braudeliana, “A História estrutural não é, portanto, alheia à mudança (e acaso ela poderia ser concebida dessa forma?), mas é, sim, uma História daquilo que resiste aos acontecimentos e às conjunturas”. Desse modo, podemos pensar as continuidades dos projetos e intervenções no campo do saneamento como características de uma perpetuação onde a geografia e a história se encontram a partir das práticas políticas. Essas práticas políticas ajudam a produzir representações para o que hoje conhecemos como Baixada Fluminense e a coloca-la como palco intencional e discursivo sobre intervenções do saneamento.

Em síntese, percebemos que essas demandas territoriais constituídas entre o final do XIX e início do XX, contribuíram para o desenho de projetos num plano geo-histórico, onde as políticas de saneamento se encontram como parte das ações que legitimou a

⁸ Projeto Iguaçu, iniciado em 2010, é executado pelo Instituto do Meio Ambiente do Estado do Rio de Janeiro (Inea), tem como objetivo o controle de inundações e recuperação ambiental das Bacias dos Rios Iguaçu, Botas e Sarapuí. Os municípios atendidos pelo projeto são: Nova Iguaçu, Belford Roxo, Mesquita, São João de Meriti, Nilópolis e Duque de Caxias.

Baixada Fluminense (essa porção oeste da baía da Guanabara) como lócus de intervenção.



Figura 2: Foto 1 - Transbordamento do rio Iguaçú no bairro Cidade dos meninos, em Duque de Caxias em Janeiro de 2010.

Fonte: SANTOS FILHO, Sidney. Janeiro de 2010

A problematização numa perspectiva geo-histórica do projetos e intervenções de Saneamento e de suas representações, tomando como caso a Baixada Fluminense serve de pressuposto para refletir sobre as aproximações necessárias no campo da história e geografia e discutir como as formas, funções estruturas, significados, objetos e ações são frutos de uma construção social historicamente e geograficamente situadas.

Assim, asseveramos os estudos dos projetos e intervenções como vertentes a serem estudadas neste campo da Geografia, tendo em vista a amplitude de questões que se abrem para compreensão de relações que envolvem: homem-meio, tessituras de poder, arranjos e continuidades de práticas territoriais, entre outras questões.

Numa análise mais apurada sobre as intervenções na porção oeste Baixada da Guanabara [tida hoje como a “Baixada Fluminense”], percebe-se que estes serviram, também, na legitimação desta área como espaço de intervenção, notoriamente influenciando no período atual, colocando-a no rol das políticas públicas no contexto fluminense.

Destarte, não se quis neste trabalho extinguir toda a problematização sobre o debate da legitimidade desta área como escala de intervenção, tão pouco eliminar outras vias de discussão desta abordagem. Assim, indicamos a possibilidade de apresentar diálogos que envolvem e transversalizam compreensões de geografias de distintos tempos, exemplificada aqui nas continuidades e representações das políticas de saneamento na Baixada.

Agradecimentos

Agradeço a Guilherme Ribeiro e Ana Maria Daou pela leitura crítica e sugestões dadas para melhorias do trabalho.

Referências:

ABREU, Mauricio de Almeida. A luta pelo controle territorial da Baía de Guanabara no século XVI: agentes, alianças, conflitos. In: Mauricio A. Abreu. (Org.). **Rio de Janeiro: formas, movimentos, representações**. Rio de Janeiro: formas, movimentos, representações. Rio de Janeiro: Da Fonseca Comunicação, 2005, v. 1, p. 8-29.

ABREU, Mauricio de Almeida. A apropriação do território no Brasil colonial. In: Castro, I. E.; CORRÊA, R. L.; GOMES, Paulo César C..(Org.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 197-245.

ABREU, Maurício de Almeida. (org.). **Natureza e Sociedade do Rio de Janeiro**. RJ: SMCTE/Divisão, 1992.

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

ALVES, José Cláudio Sousa. **Dos barões ao Extermínio: uma história de violência na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias: APPH CLIO, 2003.

AMADOR, Elmo da Silva. Baía de Guanabara: Um Balanço Histórico in ABREU, Maurício de Almeida (org.). **Natureza e Sociedade do Rio de Janeiro**. RJ: SMCTE/Divisão, 1992:234-235.

CASTRO, Iná Elias. **O mito da necessidade**. O Discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. 248p.

Iguassu (Arraial do Pilar). Documento enviado para o imperador D. Pedro II por refugiados do Pilar que se encontravam abrigados na Corte. Biblioteca Nacional, Setor de Manuscritos: II-34,17,12.

FADEL, SIMONE. História Ambiental e Baixada Fluminense. Uma aproximação a partir da relação entre engenheiros, meio ambiente e saneamento. **Revista Pilares da História**. Ano 9, nº10, p.7-13, maio de 2010.

FADEL, Simone. **Meio ambiente, saneamento e Engenharia no período do Império à Primeira República**: Fábio Hostílio de Moraes Rego e a Comissão federal de Saneamento da Baixada (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em História Social, 2006. P.216.

FERNANDES, Leonardo Jefferson. Estado e mudança ambiental: a "nova orientação" do saneamento da Baixada Fluminense nos anos 1930. *Anais: Encontros Nacionais da ANPUR*, v. 9, pp. 1185-1198, 2013.

GEIGER, Pedro P.; MESQUITA, Myriam G.C. **Estudos rurais da Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

GEIGER, Pedro P; SANTOS, Ruth L. "Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada Fluminense". In: **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XVI, n.º 03, p.291-313, julho- setembro de 1954.

GEIGER, Pedro, P. **Loteamento na Baixada da Guanabara, estudos rurais da Baixada Fluminense e notas sobre a evolução da ocupação humana da Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro: IBGE, 1952.

GÓES, Hildebrando de Araújo. Relatório Apresentado pelo Engenheiro Chefe da Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense. RJ: Ministério de Viação e Obras, 1934.

LESSA, Carlos. **Rio de todos os Brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MENDES, Renato da Silveira. **Paisagens culturais da Baixada Fluminense**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1948.

SOUZA, Marlúcia Santos de. Impacto das Políticas Agrárias e de Saneamento na Baixada Fluminense. **Revista Pilares da História**. Ano 4, nº 6, p. 17-35, abril de 2006.

SOUZA, Marlúcia Santos de. **Terras de muitas águas**. Duque de Caxias: papelaria Itatiaia, 1996.

SOUZA, Sonali Maria de. **Da Laranja ao Lote. Transformações Sociais em Nova Iguaçu. RJ** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional, 1992.

PHILO, Chris. História, geografia e o “mistério ainda maior da geografia histórica”. In: GREGORY, D; MARTIN, R.; SMITH, G. (org's). **Geografia Humana**. Sociedade, Espaço e Ciência Social, 1996. p.269 -298.

RIBEIRO, Guilherme da Silva. **Espaço, tempo e Epistemologia no século XX**: a geografia na obra de Fernand Braudel. (Tese de Doutorado)(2008). **Universidade federal Fluminense**. Programa de Pós-graduação em Geografia, 2008, 380f.

ROCHA. André Santos da. A representação “ideal” de um território: exemplificando a Baixada Fluminense. **Revista Pilares da História**. Ano 10, n.11, p. 20-30 maio de 2011.

ROCHA, André Santos da. (Re) pensando a Baixada Fluminense em um contexto da Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Sociedade, Território e Representação. **Revista Geo-paisagem (on-line)**. Ano 6, nº 12, Julho/Dezembro, 2007 disponível em: <http://www.feth.ggf.br/baixadafluminense.htm>. Data do acesso 20/02/2012.

ROCHA, André; SANTOS FILHO. Sidney Cardoso. Baixada Fluminense, RJ: entre os rumos do desenvolvimento e o rótulo de “cidades-miséria” - algumas considerações. In: **Seminário de Pós-graduação em Geografia UNESP** - Rio Claro. Rio Claro : CD Rom, 2006.

Relatório do Ministério de Obras Públicas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1911. P 656.

WALLERSTEIN, Immanuel. O Homem da Continuidade. In: LACOSTE, Yves. (coord.). **Ler Braudel**. Campinas, SP: Papyrus, 1989. p.13-29.